

Futebol não profissional em Florianópolis: notas de trabalho

<http://dx.doi.org/10.11606/1807-5509201700010271>

Lisandra INVERNIZZI*
Alexandre Fernandez VAZ**/**
Jaison José BASSANI**

*Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, Florianópolis, SC, Brasil.
**Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
***Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasília, DF, Brasil.

Resumo

O presente trabalho trata do futebol amador, modelo praticado em bairros urbanos, comunidades rurais, clubes populares, em prática aparentemente subterrânea, pouco visível, se observarmos a importância material e simbólica de seu congêneres profissional. Considerando desenvolvimento e institucionalização do futebol em Florianópolis, conduzimos nossas reflexões por meio de análise de documentos e uma entrevista realizada com um dos dirigentes da entidade local que regulamenta a prática, a Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF). Compusemos um retrato do futebol não profissional na capital de Santa Catarina, observando que esta prática se espelha no modelo da profissionalização, ou seja, mais racionalização, seriedade e competitividade nos torneios.

PALAVRAS-CHAVE: Amadorismo; Clubes de Futebol; Florianópolis; Liga Florianopolitana de Futebol.

Introdução

O futebol amador, aquele praticado de forma organizada por clubes e federações, mas sem o vínculo profissional de seus participantes, tem sido pouco pesquisado no Brasil, apesar de sua enorme presença como prática e como veículo de mobilização comunitária. Também chamado futebol de várzea nas regiões sul e sudeste do País, materializa-se em competições que apresentam organização e regras próprias, mesmo que, em muitos aspectos, inspiradas no futebol profissional^{1,a}. Nele encontramos uma série de particularidades, como a procura pela promoção de saúde e a representação comunitária como espaço de sociabilidade, constituindo-se também como prática de reconversão profissional e espaço para atletas profissionais se manterem ativos e com visibilidade em períodos de desemprego, situação às vezes transitória entre a disputa de dois torneios. Para SOUZA et al.², o capital formativo adquirido no futebol é de difícil reconversão no caso de uma profissionalização frustrada ou até mesmo no momento da aposentaria do jogador. O futebol amador se configura como um dos possíveis

espaços para a reconversão do capital adquirido ao longo de anos de treinamento e competição. Os clubes não profissionais representam um mercado para ex-profissionais e para aqueles que não chegaram a se profissionalizar em clubes, tendo sido dispensados ainda durante a frequência às categorias de base ou ao final delas. Nestes casos, é importante destacar que as trajetórias de ex-profissionais, diferentemente do estrelato internacional, pode significar a volta ao “subúrbio” e à prática do futebol comunitário³. Lembre-se que mais de 80% dos jogadores profissionais brasileiros recebem até dois salários mínimos mensais⁴, mas que mesmo no amadorismo pode haver algum tipo de remuneração, frequentemente por jogo ou na forma indireta de benefícios.

As assertivas de MURAD⁵ e PIMENTA⁶, de alguns anos, que supunham o fim do futebol de várzea no Brasil, não se confirmam. Para ADAUTO⁷, as mudanças geográficas, políticas e culturais dos espaços públicos modificaram o futebol de várzea, mas isso não fez com que ele morresse, a exemplo da cidade de São Paulo, onde numerosas equipes

disputam anualmente diversos torneios, um deles patrocinado por uma grande marca de cerveja e que conta com a participação de ex-profissionais outrora presentes em importantes clubes de futebol do Brasil e da Europa^b.

RIGO, JAHNECKA e CROCHEMORE⁸ observam que o futebol de várzea na cidade de Pelotas (Rio Grande do Sul) está longe de acabar, reinventando-se como prática de lazer esportivo das camadas trabalhadoras da cidade. O futebol amador está presente nas cidades modernas e não é uma exclusividade das grandes metrópoles, pois, de modo geral,

as práticas do futebol como lazer continuam a ter uma forte presença, tanto nos grandes centros urbanos como nas médias e pequenas cidades brasileiras, ou ainda nas

comunidades pertencentes à zona rural, onde, não raramente, ele é um dos poucos acontecimentos de lazer dos finais de semana (p. 156)⁸.

O futebol amador tem grande presença também em Santa Catarina, com um campeonato estadual e Ligas Interclubes em diferentes municípios. A Grande Florianópolis, formada por 21 municípios, com população estimada em cerca de 1 milhão de habitantes, já teve importantes torneios de futebol amador, como a Copa Arizona, nos anos de 1970, Copa Dreher e Copa Metropolitana, nos anos de 1980. Em Florianópolis, desde 1996 existe a Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF), filiada à Federação Catarinense de Futebol (FCF), organizadora de competições entre clubes amadores filiados do município.

Método

O presente trabalho, parte de uma pesquisa mais ampla, ainda em desenvolvimento, tem como objetivo descrever o desenvolvimento e institucionalização do futebol em Florianópolis em sua vertente amadora. Para compor um retrato do futebol não profissional na capital de Santa Catarina, analisamos documentos e entrevistamos um dos dirigentes da entidade que regulamenta a prática na cidade, a referida Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF)^c. Dentre os arquivos disponíveis na página da entidade, ocupamo-nos principalmente do Relatório do Departamento Técnico de 2012⁹ e do Regulamento Geral das Competições de 2010¹⁰.

Também foram consultadas outras fontes, como sítios e registros de clubes de futebol amador, portais de notícia, jornais locais, sítios e blogs de

jornalistas ou de torcedores que fazem cobertura de resultados e acontecimentos dos campeonatos de futebol amador em Florianópolis. Organizamos o texto de modo que, na primeira parte, são apresentados alguns apontamentos sobre o início do futebol em Florianópolis, desde a primeira partida pública, a fundação e disseminação dos clubes, até a criação e estruturação de entidades organizadoras para a prática. Em seguida, oferecemos um panorama geral do futebol não profissional em Florianópolis, descrevendo a estrutura e funcionamento da entidade que regulamenta a prática na cidade. Por fim, a título de considerações finais, assinalamos a importância que o futebol não profissional ocupa na cidade de Florianópolis e apontamos alguns dos elementos que ainda precisam ser pesquisados.

Resultados e Discussão

Para fins de apresentação e discussão dos resultados produzidos na investigação, organizamos os resultados em dois registros: o primeiro trata do contexto histórico do desenvolvimento do futebol em Florianópolis na primeira metade do século XX e da criação de clubes de futebol amador nesse período, alguns dos quais seguem em atividade

ainda hoje, bem como do surgimento das primeiras entidades organizadoras de competições amadoras na cidade. O segundo descreve, a partir da criação da Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF), em 1996, o funcionamento e a organização das principais competições de futebol amador vigentes atualmente em Florianópolis.

Apontamentos sobre o início do futebol em Florianópolis

O jogo de futebol teve este ano animação extraordinária. Grandes esforços empenharam os alunos para se aperfeiçoar nesse jogo, que, quando moderado; representa um útil e salutar e também agradável divertimento. Os seus esforços foram premiados e coroados com uma brilhante vitória. Achando-se nesta capital por motivos do concurso da 1ª entrância, diversos moços de São Paulo e Rio de Janeiro desafiaram os alunos do Ginásio para um match de futebol. Escusando-se estes, por não estarem bem familiarizados com todas as regras desse belo jogo, o distinto moço [...] teve a gentileza de ensaiá-los diferentes vezes. Chegado o dia 14, efetuou-se, na praça General Ozório, às 2 horas da tarde, o match. Era a primeira partida desse jogo esportivo que se realizava nesta capital, e o Campo do Manejo [local do atual Instituto Estadual de Educação] estava repleto de espectadores. Apresentaram-se em campo os dois teams uniformizados: os alunos de branco, com faixa vermelha à cintura, e os adversários de camisa azul e calção branco. Depois de renhido combate, coube a vitória aos alunos do Ginásio, que venceram com 2 goals contra 1¹¹.

O excerto acima se refere à primeira partida pública de futebol em Florianópolis, realizada em 1910 entre o time do Ginásio Catarinense (atual Colégio Catarinense) e um combinado de jovens cariocas e paulistas que estavam de passagem pela cidade prestando concurso público¹². O futebol já estava, no entanto, presente em Florianópolis desde 1906 no próprio Ginásio como atividade esportiva e recreativa de alunos internos e externos, porém restrito aos muros do colégio. Segundo JORGE¹¹ (2013) há indícios que apontam a mobilização social para organização de um club de Foot-Ball na Ilha de Santa Catarina já em 1904.

Posterior ao “jogo monumento” (p. 142)¹¹, em 1911 surge o primeiro clube de futebol em Florianópolis, o Brazilian Foot-Ball Club, já extinto. Nos anos seguintes são fundados o Club Sportivo Florianópolis, em 1912 - inicialmente chamado de Anita Garibaldi¹³, o Humaitá Football Club, em 1913 e o Sport Club Palmeiras em 1915, todos igualmente não mais existentes¹⁴. Em 1921 é criado o Figueirense Futebol Clube e em 1923 o Avahy Football Club. Ainda não se vislumbrava a profissionalização, porém, estes

dois últimos clubes, juntamente com o Paula Ramos Esporte Clube, seriam os únicos clubes de Florianópolis que viriam a se profissionalizar no futebol. Os dois primeiros disputam a Série A do Campeonato Brasileiro, o terceiro até 1943 participou apenas de competições amadoras, mas em 1944 profissionalizou-se e nos anos de 1947 e 1948 conquistou o bicampeonato do torneio municipal de Florianópolis. Em 1948, foi vice-campeão estadual e hoje é apenas um clube social¹⁴. Naquele momento de desenvolvimento e difusão das práticas esportivas na cidade, a preferência dos esportistas era pelo remo, ficando o futebol em segundo plano, ambos ainda restritos à elite cidadina¹⁵⁻¹⁶.

A prática do futebol, assim como boa parte de outras atividades sociais e culturais na época¹⁷, se concentrava na região central da cidade. Na década de 1930, o esporte dissemina-se geograficamente na capital, com a fundação do Bandeirante Recreativo Futebol Clube, no que hoje é o distrito de Ribeirão da Ilha, e o Esporte Clube Corinthians, no bairro Pantanal, em 1931, ambos ainda ativos.

Em 1947 o futebol chega ao norte da Ilha, com a fundação da Associação Recreativa Cultural e Esportiva Avante^d, em Santo Antônio de Lisboa, e em 1958 o Jurerê Esporte Clube^e, na praia de mesmo nome. Em 1957 é fundado o Barrense Futebol Clube, na Barra da Lagoa^f, porção leste da Ilha de Santa Catarina (onde se localiza a maior parte do município de Florianópolis), alcançando assim todas as regiões da cidade. Outros clubes foram criados no decorrer dos anos citados, como por exemplo, o hoje extinto Ipiranga Futebol Clube, em 1941, no bairro Saco dos Limões, e o Juventus Futebol Clube, em 1961, em Capoeiras, na parte continental da cidade.

Inicialmente apropriado pela elite catarinense como elemento de distinção social, praticado de forma amadora, a partir da década de 1920 o futebol em Santa Catarina o futebol se consolida e começa a experimentar alguma expansão democrática que vem a reboque da profissionalização. Conforme vai ganhando espaço na vida social de Florianópolis - com destaque cada vez mais crescente nos periódicos da época - e a com a proliferação de clubes, emerge a necessidade de organização e formalização da prática por meio de alguma entidade que pudesse criar regras e normas, além de legitimar as disputas que ocorriam na cidade.

Em 1924 é então criada a Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres (LSCDT), entidade com fins de organizar os torneios de atletismo, tiro ao alvo

e futebol, com sede no Ginásio Catarinense, embrião da Federação Catarinense de Desportos (FCD), surgida em 1927.

Com a representatividade de uma entidade reguladora, o futebol perdia em parte seu caráter de amadorismo e tornava-se formalizado e mais competitivo. Com sua consolidação e a evolução das demais modalidades regidas pela FCD, emergem paulatinamente entidades regulamentadoras específicas para cada uma, e em 1951 a FCD é substituída pela atual Federação Catarinense de Futebol (FCF).

Novos clubes eram fundados na capital, principalmente rivalizando com os que já estavam em atividade nos bairros. Em 1955, por exemplo, constituem-se a Sociedade Esportiva e Recreativa Campinas^g, no sul da Ilha, e o Canto do Rio Futebol Clube, no Ribeirão da Ilha, além da Sociedade Esportiva Palmeiras, em 1962, e a Associação Cruz de Malta, em 1964, ambos à leste. Mesmo com o crescimento do número de clubes, naquele período ainda não havia competições organizadas e regulamentadas, mas apenas partidas amistosas. Nas décadas de 1970 e 1980 o futebol alcança o extremo norte da Ilha, com as fundações da Sociedade Esporte Clube Florianópolis, Grêmio Esportivo Cachoeira, Náutico Futebol Clube e Vila Futebol Clube. Por apelo dos clubes distribuídos pela capital, a FCF passa a organizar o campeonato municipal de Florianópolis, com a participação de clubes de todas as regiões da cidade, bem como de municípios vizinhos¹⁸.

Simultaneamente foi criada a Comissão Organizadora do Futebol Amador do Norte da Ilha (COFANI)^h, que empreende, em 1984, o primeiro campeonato amador daquela região. Com esta competição em vigor e o interesse cada vez menor da FCF em organizar certames amadores, surge no cenário a Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF). A primeira iniciativa da LIFF para fortalecimento do futebol amador em Florianópolis foi a realização de um curso de arbitragem. Em 1997 foi organizado, nos novos tempos, o primeiro campeonato municipal da cidade de Florianópolis, desta vez apenas com clubes locais.

A partir desse momento os torneios organizados pela LIFF e CESANI ocorrem concomitantemente, cada qual com calendário próprio, tendo sido o Campeonato Amador do Norte da Ilha inicialmente o que detém maior prestígio entre os clubes e a imprensa local. A denominação de Campeonato Municipal e a filiação junto à FCF conferiram maior prestígio à LIFF, que paulatinamente amplia o número de clubes filiados. Este movimento, que se intensificou nos anos

seguintes, requereu a criação de campeonatos em diferentes categorias e divisões e uma organização mais complexa da LIFF, que será mais bem explicada na sequência do texto.

Retrato do futebol não profissional em Florianópolis

A LIFF foi criada em 1996 quando a Federação Catarinense de Futebol (FCF) teve sua sede transferida para Balneário Camboriú, cidade litorânea a cerca de 90 km ao norte de Florianópolis. A LIFF entende-se como uma entidade sem fins lucrativos ou vinculação política, e organiza em Florianópolis, desde 1997, campeonatos oficiais de futebol na categoria não profissionalⁱ. É filiada à Federação Catarinense de Futebol, reconhecida pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e declarada de Utilidade Pública^j. Possui um estatuto social e um regulamento geral de competições, ambos correspondentes às normas da FCF. Em 2010 a Liga reeditou o Regulamento Geral das competições para adequar-se às disposições do Código Brasileiro de Justiça Desportiva. Seu organograma é composto por presidente, vice-presidente e conselheiros fiscais efetivos e suplentes. Possui um departamento responsável pelo gerenciamento técnico-administrativo das competições, além de departamentos de arbitragem^k, jurídico, financeiro, registro e ainda uma comissão disciplinar^l.

A sede da LIFF está localizada nas dependências de um centro comunitário no bairro Saco dos Limões (entre as regiões central e sul da Ilha), ocupando uma sala que funciona como secretaria, com expediente diário exercido por uma funcionária. Utiliza ainda uma sala para reuniões e um depósito com arquivos e materiais esportivos. Além do endereço físico, a LIFF mantém um sítio na internet¹⁹, o qual dá visibilidade às atividades, estrutura a organização da entidade, orienta os clubes e divulga documentos e resoluções tomadas pela diretoria e departamentos.

O material publicado demonstra a complexidade que envolve a organização do futebol não profissional, com documentos de caráter administrativo (tabela de taxas de emolumentos, ficha de manutenção cadastral de clubes, modelos de fichas de inscrição, transferência e reversão de categoria, orientações para filiação de árbitros, editais de convocação, relatórios e resoluções) e orientadores (Regulamento Geral de Competições,

Livro de Regras Oficiais 2012/2013 da CBF e o livro Estádios de futebol: Exigências e recomendações técnicas - FIFA). O departamento técnico publica o calendário de atividades, regulamentos específicos das competições, e a Comissão disciplinar notifica as atas, pautas e sessões de julgamentos. Há ainda documentos diversos, como o histórico da LIFF e a lista anual de campeões e vices desde 1997.

O Regulamento Geral das Competições da Liga Florianopolitana de Futebol é o documento que rege todas as competições oficiais promovidas pela entidade. A redação versa sobre as disposições gerais e administrativas e também sobre a organização das competições, como inscrição e participação das equipes, tabelas dos jogos, alteração nas datas das partidas, premiação, segurança durante os torneios, registros e faixa-etária dos atletas referentes a cada categoria, uniformes, arbitragem, transmissão dos jogos pela mídia, disposições financeiras, infrações e penalidades.

Em 2013 estavam filiados à LIFF 45 clubes, dos quais 33 estão em atividade e 12 em licença, portanto ausentes dos campeonatos da temporada. O número de clubes filiados oscila de ano a ano, provavelmente pelos custos de manter a filiação ou manutenção das demais atividades dos clubes. Um exemplo é a Associação Vila Futebol Clube, integrante da primeira divisão, que solicitou licença justificada pelo presidente do clube como um “misto de falta de planejamento e cansaço pelos cinco anos à frente do clube. Investimos muito no futebol e quase nada no patrimônio [do clube]”²⁰.

Para ser filiado, o clube precisa cumprir uma série de requisitos, entre eles, ter sede em Florianópolis, no mínimo 3 anos de registro no Cartório de Títulos e Documentos, possuir estatuto social registrado em cartório e manter as taxas de funcionamento em dia (filiação, manutenção cadastral anual à FCF e mensalidade à LIFF).

Cada município pode ter apenas uma Liga filiada à Federação Catarinense de Futebol. Esta condição significa primazia e reconhecimento na organização de competições. Por ser filiada à FCF, todos os atletas vinculados aos clubes da LIFF são registrados na FCF e CBF. Os atletas que são registrados em algum clube também recebem o registro junto à CBF, recebendo um número geral, sendo que a reversão de categoria, entre a profissional e não profissional, entre clubes, ligas ou Estados deve ser feita mediante solicitação à LIFF, que se responsabiliza pelos trâmites junto à FCF.

Em 2012 foram organizadas 7 competições, nas categorias Adulto (1ª, 2ª e 3ª divisões), Copa

Floripa, Juvenil, Juniores e Infantil, cada uma com regulamento específico. De acordo com o relatório do Departamento Técnico, no ano de 2012 foram realizados 368 jogos entre os 81 times^m inscritos, com participação de 1943 atletas nas 7 competições realizadas, envolvendo 30 árbitros filiados. Além das competições acima descritas, em 2013 a LIFF passa a organizar também a segunda divisão da categoria júnior, com 8 competições previstas.

A LIFF se mantém com recursos oriundos das taxas de emolumento pagas pelos clubes (alvará de funcionamento, filiação, certidão negativa, mensalidade, fornecimento do escudo da LIFF, recursos junto à comissão disciplinar e outras ações) e árbitros (mensalidade), além de financiamentos obtidos junto a órgãos públicos, como o convênio firmado com a Prefeitura Municipal de Florianópolis, além do recebimento de um percentual (1%) da renda líquida da bilheteria de cada partida de Avaí e Figueirense, os dois clubes profissionais da capital. De acordo com o dirigente da Liga entrevistado, todos os recursos são revertidos para o fortalecimento do futebol não profissional da capital, como na distribuição de materiais para os clubes, tais como: redes para traves, bolas, uniformes, maleta de primeiros socorros, maca. Quando dispõe de recursos, a LIFF isenta os clubes mandantes dos jogos do pagamento das taxas de arbitragem, cerca de 90% dos gastos de organização de uma partida. As demais despesas são com escritório de contabilidade, remuneração de uma funcionária (secretária) e pagamento por processo para os auditores da comissão disciplinar. Não há gastos com manutenção de estrutura física, já que sua sede ocupa, como dito acima, uma sala localizada em um centro comunitário. Desta forma, as despesas de um clube para participar dos campeonatos se resumem à filiação e manutenção das taxas em dia (anual de cadastro e mensalidades). Sob esse aspecto, todos os filiados possuem condições básicas iguais para participar das competições, sendo que os demais gastos dependem dos investimentos e recursos que o clube pode e deseja oferecer aos atletas, como materiais esportivos (chuteiras, tênis, caneleiras etc.), toalhas de banho nos vestiários, transporte, uniformes novos a cada jogo ou confraternizações. Neste sentido, as condições de participação podem variar muito de um clube para outro, ainda mais se considerarmos que nem todos possuem sedes próprias, mas utilizam campos de outros quando mandantes, na maioria das vezes com pagamento

ao clube proprietário.

Um levantamento das áreas físicas e equipamentos dos clubes filiados à LIFF realizado por LEMOS¹⁸ aponta que 21 deles possuem campo próprio, sendo que desses apenas 14 detêm também sede social, espaço de relação entre clube e comunidade. Os espaços sociais do clube são ocupados de diferentes formas: para realização de eventos festivos promovidos pela própria entidade, para gerar receita de manutenção, na locação para cerimônias de terceiros, como casamentos, aniversários e formaturas, bem como salão de festas cedido gratuitamente para os eventos da comunidade. Os 21 clubesⁿ pesquisados possuem campo de jogo de tamanho oficial, vestiários para mandante e visitante, além de para a equipe de arbitragem, conformando a estrutura mínima exigida pela LIFF para as competições. Os clubes que não têm sede esportiva própria, quando mandantes de partidas, utilizam os cedidos ou alocados junto àqueles que o possuem ou, ainda, fazem uso de campos comunitários em bairros próximos, geralmente vinculados à associação de moradores daquelas comunidades.

Em relação ao desenvolvimento dos campeonatos, estes seguem a dinâmica e legislação do futebol profissional, como regras oficiais, arbitragem, delegado (representante da LIFF), policiamento etc. Sob este aspecto, malgrado as muitas existentes, não há diferenças significativas entre o segmento não profissional e o profissional. A principal diferenciação se dá, sobretudo, na ausência de remuneração aos jogadores e comissão técnica - e, portanto, na não aplicação da legislação trabalhista -, e na discrepância de nível técnico dos futebolistas, mesmo com os clubes agregando cada vez mais atletas que já foram profissionais. Segundo o diretor da LIFF entrevistado, haveria ainda a diferença nas punições, já que, por se tratar de clubes não profissionais, as penalidades da justiça desportiva equivalem à metade daquelas aplicadas aos clubes e atletas profissionais. É nestes termos de proximidade – mas também de distanciamento – com a prática profissional, tanto nos aspectos técnicos quanto organizacionais, que o diretor da LIFF afirma enfaticamente, em entrevista, que a entidade se ocupa do “futebol não profissional” e não do “amador” na cidade de Florianópolis.

Diferentes veículos de comunicação de massa se encarregam de disseminar as informações sobre o futebol não profissional de Florianópolis. São colunas de jornais populares, blogs e sítios que

acompanham as competições, além de emissoras de rádio que esporadicamente transmitem partidas ao vivo ou apresentam as informações da rodada. Dentre tantos, no meio eletrônico há os blogs “Bate Bola”, que faz a cobertura do futebol amador/não profissional de 5 Ligas da Grande Florianópolis (Liga Florianopolitana, Liga de Palhoça, Liga de Santo Amaro, Liga de São José e Liga de Biguaçu), o “Amador futebol Clube” e o ND (Notícias do Dia). Na mídia impressa, há colunas no jornal “Hora de Santa Catarina” (Grupo RBS) e “Notícias do Dia” (Grupo RIC). No rádio, a cobertura do amador/não profissional da Grande Florianópolis é realizada pelas rádios Guarujá, Record e CBN Diário. O Grupo RIC SC, além de acompanhar o futebol não profissional nos veículos da rede, também apoia a Copa Interligas, competição realizada anualmente desde 2001 entre clubes das diferentes ligas das cidades que integram a região da Grande Florianópolis, que passou a se chamar Copa RIC Interligas desde 2011, quando o apoio foi firmado. A linguagem utilizada pelos veículos se assemelha à empregada na cobertura jornalística e de entretenimento do futebol profissional, com matérias que tratam de transferências de jogadores, contratações, histórico da carreira de atletas etc. Também neste quesito, portanto, apresenta-se o modelo do futebol profissional, de espetáculo.

A partir de um retrato do futebol não profissional em Florianópolis, poderíamos dizer que ele se encaixa na matriz denominada por DAMO²¹ (p. 45) de comunitária, que, segundo o autor, seria caracterizada pela “presença de quase todos os componentes do espetáculo, mas diferindo em escala”. De modo semelhante, compreendemos que em Florianópolis o futebol não profissional é uma vertente intermediária entre o de espetáculo e o bricolado, aproximando-se mais da configuração profissional, conforme se pode observar a partir dos dados expostos acima. Cabe mais uma vez destacar que a denominação de “não profissional” em detrimento de “amador” é da Federação Catarinense de Futebol e adotada pela LIFF, representando, de certa maneira, uma ruptura com a tradição amadorística do futebol, associada “àquele que faz sem esperar recompensa ou simplesmente faz de qualquer jeito, sem o empenho, a disciplina e a performance do universo das coisas sérias”¹ (p. 137). Espelha-se, portanto, no modelo da profissionalização, ou seja, mais racionalização, seriedade e competitividade nas competições organizadas, pois o termo profissional é “identificado com predicados do mundo do trabalho e dos negócios,

tais como competência, seriedade, esforço, dedicação e bom desempenho, entre outros” (p. 137)¹.

A existência de uma instituição específica, reconhecida como de utilidade pública, que regulamenta as competições, a cobertura realizada pela imprensa, o grande contingente de pessoas envolvidas com esta prática, como atletas, membros diretivos e de comissões técnicas, torcedores, familiares e comunidade da qual o clube é oriundo, além da existência de pelo menos 21 campos de futebol - alguns deles em locais privilegiados e com grande valor comercial na cidade -, tudo isso mostra a importância - material e simbólica - que o futebol não profissional ocupa na cidade de Florianópolis.

Várias questões se apresentam para a pesquisa sobre o futebol não profissional. Entre elas, destacamos as formas de jogo e de sociabilidade,

os sentimentos de pertencimento comunitário, as formas de combinação das práticas com a formação escolar, as relações de poder e trânsito entre o profissionalismo e o amadorismo na prática do futebol não profissional em Florianópolis.

Ao focar o futebol em uma de suas dimensões não hegemônicas - aquela que mantém seu caráter competitivo e tem no espetáculo, até certo ponto, um modelo - o estudo se coloca como uma possível contribuição para a história social do futebol, interrogando-se sobre possíveis rupturas em relação às práticas hegemônicas do futebol profissional, perscrutando “personagens, instituições e estilos de sociabilidade varzeanos com os quais se pode aprender através da pesquisa; há, sim, ‘outros’ no futebol” (p. 148)¹.

Notas

a. Para DAMO¹ (p. 136), a diversidade futebolística pode ser assim agrupada: Futebol Profissional (espetáculo, alto rendimento, performance); Futebol Escolar (dispositivo pedagógico de uso alargado e transformado em conteúdo da Educação Física Escolar ao longo do século XX); Futebol de Bricolagem (pelada, racha); e Futebol Comunitário, que corresponderia ao Futebol Amador ou de Várzea.

b. Após quase 20 anos de patrocínio e promoção, com 17 competições realizadas neste período, a empresa proprietária da marca de cerveja Kaiser anunciou que 2014 (com 192 equipes participantes) fora a última edição por ela patrocinada e até o momento não há informações sobre a continuidade da competição. A Copa Kaiser se destaca não apenas pelos jogadores que já atuaram profissionalmente (como no caso de Ricardo Gomes, atleta que passou pelo Steua Bucareste e que disputou a Copa Kaiser de 2013), mas também os que tiveram passagem na competição amadora e profissionalizaram-se depois (Leandro Damião, Rildo e Ricardo Oliveira são exemplos mais recentes), além do treinador campeão em 2014 que em 2015 integrou a comissão técnica de equipe profissional que disputa a série A-3 de São Paulo²²⁻²³.

c. O estudo foi submetido à apreciação e aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa com Seres Humanos - CEPESH da UFSC, parecer número 799.633. Os dados apresentados neste texto se referem ao ano de 2014, período em que esta etapa da pesquisa foi realizada.

d. Clube tradicional na cidade, com forte inserção na comunidade e vencedor de diversos títulos no futebol amador, com destaque para o hexacampeonato amador de Florianópolis da 1ª divisão (1989, 1990, 1991, 1997, 1998, 2010), Campeonato Amador de Florianópolis 2ª Divisão (2000), Bicampeonato da Copa Floripa (2009 e 2011), Campeonato regional da grande Florianópolis 2ª divisão (1988) e 1ª divisão (1989), além do Campeonato (invicto) do Norte da Ilha em 1987 e Copa Delfim de Pádua Peixoto Filho - 1990. O Clube não se resume ao futebol, organiza atividades que se caracterizam como importante espaço de sociabilidade na comunidade, como por exemplo, o tradicional baile de carnaval de rua de Santo Antônio de Lisboa, que conta com a participação de mais de vinte cinco mil pessoas por noite de desfile dos Blocos Carnavalescos e de Maracatu convidados. Estabelecido naquela comunidade, atende também moradores dos Bairros Cacupé, Sambaqui e Barra do Sambaqui, cujo montante é superior a 15 mil habitantes. Suas instalações são frequentemente utilizadas em disputas de jogos organizados pela Liga, sendo inclusive cedidas para disputas em que tomam parte agremiações das comunidades próximas. Diante da expressividade que ocupa no futebol e sua inserção na comunidade, o clube se coloca como um dos possíveis campos de investigação para a continuidade desta pesquisa.

e. O clube pertencia a AMOJU (Associação dos Moradores do Jurerê) e foi extinto em 1999, quando se desligou da associação e originou o Jurerê Futebol Clube, ainda em atividade.

f. Os bairros que compõem a cidade são usualmente enquadrados em 5 regiões: sul, centro, leste, norte, continente. Apesar de pertencer à região norte, Santo Antônio de Lisboa está localizada no limite entre ela e a central, uma espécie

de entrelugar que não pertence a nenhum deles em específico, podendo se caracterizado como um novo lugar.

g. Os clubes amadores doravante mencionados continuam em atividade.

h. Atualmente denominada Comissão do Esporte Amador do Norte da Ilha (CESANI), que segue realizando campeonatos na cidade, com organização própria e não filiada à FCF.

i. Passamos a empregar o termo “não profissional” em substituição ao “amador”, levando em conta a forma como o discurso nativo se refere à essa prática do futebol. A opção pelo emprego da categoria nativa diz respeito à sua importância e significado para dirigentes e praticantes dessa modalidade de futebol em Florianópolis. Conforme mais bem se verá adiante, o emprego do termo “não profissional” ao invés de “amador” tem a ver com a proximidade - real e simbólica -, especialmente em termos de regulamentos e gestão, à vertente profissional do futebol. Além disso, conforme se pode observar a partir da entrevista com o dirigente da LIFF, a expressão “não profissional” parece conferir mais seriedade e legitimidade aos eventos da entidade, distanciando-os de outros torneios e eventos de futebol, bastante comuns em muitas cidades brasileiras, inclusive em Florianópolis.

j. A declaração de utilidade pública garante o reconhecimento como instituição sem fins lucrativos e prestadora de serviços de interesse da sociedade. Isso não assegura quaisquer direitos ou vantagens na relação com a municipalidade, exceto nas celebrações de convênios. Um benefício diz respeito às doações recebidas, já que elas podem ser debitadas do imposto de renda do doador, ampliando as fontes de arrecadação de recursos para execução de projetos. Um dos requisitos para a titulação é que haja uma cláusula no estatuto que estabeleça o não recebimento de remuneração por parte dos dirigentes, diretores e associados.

k. Para integrar o quadro de árbitros é necessário estar registrado à LIFF e, entre outros, ter concluído o curso reconhecido pela Federação Catarinense de Futebol. A arbitragem possui uma organização independente, definida pela Associação de Árbitros da Liga Florianopolitana de Futebol (AALIFF). Mais detalhes em <http://aaliff.wordpress.com/>.

l. A comissão disciplinar é o órgão de primeira instância do Tribunal de Justiça Desportiva do Futebol Catarinense, responsável por julgar as questões de descumprimento de normas, inclusive disciplinares, relativas às competições desportivas.

m. Dentre as 7 categorias organizadas pela LIFF, cada clube pode inscrever uma equipe, exceto na adulto, na qual é preciso estar em apenas uma das divisões (1ª, 2ª ou 3ª). Desta forma, as 81 equipes representam um total de 37 Clubes, já que alguns deles participam de mais de uma categoria, como por exemplo, o Bandeirante Recreativo Futebol Clube, que inscreveu equipes nas 5 categorias permitidas.

n. Segundo LEMOS¹⁸, dentre os 21 pesquisados, alguns clubes dispõem de outras instalações e equipamentos para seus frequentadores, como bar (21), parque infantil (7), espaço específico para imprensa (4), arquibancada para cerca de mil torcedores (2), sauna e campo de futebol de areia (3), academia (2), campo de futebol sintético (1), hidromassagem (1), pista de skate (1), quadra de futsal (1), sala de informática (1), salas para diversos cursos (2).

Agradecimentos

O presente trabalho contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduíche no Exterior - PDSE/Processo 99999.003282/2014-07), do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior - FUMDES (Chamada Pública nº 006/SED/2012) e apresenta resultados parciais dos projetos “Teoria Crítica, Racionalidades e Educação (IV)”, financiado pelo CNPq (Processo 443201/2015-3), e “Memórias litorâneas em Ilhas Capitais: futebol, remo e outras práticas esportivas em Vitória-ES e Florianópolis-SC”, financiado pelo CNPq (Processo 406098/2012-3) e pela FAPES (Edital nº 012/2011 Universal).

Conflito de interesse

Não houve conflitos de interesses para realização do presente estudo.

Abstract

Non-professional Soccer in Florianopolis, Brazil: work notes

This paper aims to show some aspects of amateur soccer practiced in urban neighborhoods, rural communities and popular clubs. It is an apparently undergrounded, barely visible practice, if we consider the material and symbolic importance of its corresponded professional practice. Considering the development and institutionalization of soccer in Florianópolis (Brazil), we conduct our reflections through document review and an interview with one of the leaders of the local league, the Florianopolitana Soccer League (LIFF). We compose a portrait of not professional soccer in the capital of the State Santa Catarina and conclude that the model of professionalization is the framework of this practice, i.e. more rationalization, seriousness and competitiveness in organized events.

KEYWORDS: Amateurism; Soccer Clubs; Florianópolis; Soccer League of Florianopolis (LIFF).

Referências

1. Damo AS. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. *Movimento*. 2003; 9(2):129-156.
2. Souza CAM, Vaz AF, Bartholo TL, Soares AJG. *Horizontes Antropológicos*. 2008; 14(30):85-111.
3. Guedes SL. Subúrbio: celeiro de craques. In: Damatta R, organizador. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke; 1982. p. 59-74.
4. Rangel S. Maioria dos jogadores ganha até R\$360. *Folha de São Paulo*. 2002 jan 31; D4. [citado 14 jan 2012]. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2002/01/31/67/89271>.
5. Murad M. Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol Rio de Janeiro: Irradiação Cultural; 1996.
6. Pimenta CAM. Novos processos de formação de jogadores de futebol e o fenômeno das “escolinhas”: uma análise crítica do possível. In: Alabarces P, compilador. *Peligro de Gol. Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina*. Buenos Aires: Clacso; 2000. p. 75-97.
7. Aduato F. Ainda se joga futebol na cidade com muito amor. In: Da Costa MR, organizador. *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa; 1999. p. 122-127.
8. Rigo C, Jahnecka L, Crochemore IS. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. *Movimento*. 2010; 16(3):155-179.
9. Liga Florianopolitana de Futebol. Relatório de atividades 2012. Florianópolis; 2012. Relatório de atividades LIFF. [citado 07 jun 2013]. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2002/01/31/67/89271>
10. Liga Florianopolitana de Futebol. Regulamento Geral das competições. Florianópolis; 2010. [citado 7 jun 2013]. Disponível em: http://ligas-sc.no-ip.org:3080/documentos_liff/JURIDICO/Regulamento%20Geral%20das%20Competi%C3%A7oes%20%202010.doc?
11. Jorge TP. Em busca do corpo civilizado: o futebol como arte de governar do Colégio Catarinense em Florianópolis (1906-1918) [dissertação]. Florianópolis(SC): Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação; 2013.
12. Dallabrida N. A fabricação escolar das elites Florianópolis: Cidade Futura; 2001.
13. Almeida CS. Club Sportivo Annita Garibaldi: uma história social do início da prática do futebol em Florianópolis [monografia]. Florianópolis(SC): Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas; 2010.
14. Pavan L. RSSSF Brasil. Clubes Amadores do Estado de Santa Catarina [Internet]. 2008 Mar 11 [citado 13 fev 2015]. Disponível em: <http://www.rsssfbrasil.com/tablesz/scamatteams.htm>
15. Vaz AF, Bombassaro T. Esporte, cidade e modernidade: Florianópolis. In: Melo VA. *Os Sports e as cidades brasileiras na transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri; 2010. p. 193-212.
16. Zanca G. A prática do remo em Florianópolis: retratos de uma sociedade em busca da modernidade no início do século XX. *Rev Santa Catarina História*. 2008; 1(1):30-38.
17. Veiga EV. Florianópolis: memória urbana. Florianópolis: Fundação Cultural Franklin Cascaes; 2010.
18. Lemos FHB. Futebol amador de Florianópolis: uma aproximação investigativa [monografia]. Florianópolis(SC): Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina; 2011.

19. Gonçalves M. Vila pede licença da Primeira Divisão da Capital. Hora de Santa Catarina. 2013 Jun 19; Amador Futebol Clube. [citado 19 jun 2013]. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/amadorfutebolclube/2013/06/19/vila-pede-licenca-da-primeira-divisao-da-capital/?topo=52,2,18,,284,e284#comments>
20. Liga Florianopolitana de Futebol [Internet]. Santa Catarina: Liga Florianopolitana de Futebol. [citado 25 jan 2015]. Disponível em: <http://liff.com.br/>
21. Damo AS. Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Anpocs; 2007.
22. Doro B, Abramvezt D. Mercado do futebol de várzea envolve até veterano de Liga dos Campeões. Do UOL. 2013 Fev 20; Copa Kaiser 2013. [citado 25 jan 2013]. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-kaiser/ultimas-noticias/2013/02/20/mercado-do-futebol-de-varzea-envolve-ate-veterano-de-liga-dos-campeoes.htm>
23. Rocha T. Técnico campeão na várzea larga emprego e ganha chance em clube de São Paulo. iG São Paulo. 2014 Dez 20: Futebol. [citado 25 jan 2015]. Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/futebol/2014-12-20/tecnico-campeao-na-varzea-larga-emprego-e-ganha-chance-em-clube-de-sao-paulo.html>

ENDEREÇO

Lisandra Invernizzi
R. Flor do Campo Limpo, 163, apto 207 - Ingleses
88058-422 - Florianópolis - SC - BRASIL
e-mail: lisandrainvernizzi@gmail.com

Recebido para publicação: 18/03/2015

Revisado: 10/08/2015

Aceito: 09/03/2016